

Júlio Gouveia fazia questão de diferenciar teatro infantil e teatro para crianças. O primeiro, a seu ver, era realizado por crianças, ao passo que o segundo, modalidade na qual se inseriam os seus programas, exigia atores adultos. Crianças só participavam da representação quando se fazia absoluta necessidade da presença de atores infantis em cena. Segundo ele, o teatro infantil destinava-se ao desenvolvimento das crianças no que se refere ao relacionamento social, o senso de responsabilidade e o trabalho em equipe. Essa modalidade encontrava no Teatro Escolar sua mais alta expressão. Já o teatro para crianças destinava-se "especialmente ao desenvolvimento psicológico, emocional, artístico e intelectual do público infanto-juvenil", contendo "sempre uma mensagem ética" e encerrando "uma determinada filosofia da vida e das relações humanas." Por suas responsabilidades educacionais e pedagógicas exigia, portanto, que fosse "interpretado por adultos capazes de compreender e transmitir a mensagem". (13)

Dentro do espírito criativo que caracterizava as produções de Júlio Gouveia, os primeiros beneficiados eram os próprios integrantes da equipe responsável pelo programa, não só no plano técnico, mas sobretudo no artístico. Valendo-se de amadores, ele, bom diretor que era, criou ninhadas e ninhadas de atores. Eram jovens que ele convidava ou que o procuravam desejando participar dos programas. Até mesmo um transeunte distraído podia ser convidado para trabalhar num dos espetáculos como conta Tatiana Belinky:

"Uma vez nós precisávamos de um Nero (o imperador romano) e não tínhamos um tipo para isso. Na rua, cruzei com um homem que tinha uma cara de Nero, corpo de Nero, jeito de Nero, tinha tudo de Nero. Eu simplesmente abordei o homem na rua e disse: 'Olha, nós somos assim, assim...' Éramos bem conhecidos, reconhecidos na rua. 'O senhor não gostaria de fazer um papel numa peça, num teatro de domingo, porque o senhor tem o tipo do Nero. O que o senhor acha?' Pois o homem topou e depois ainda fez vários outros papéis conosco." (14)

Quando precisava de atores infantis, como no caso de O Sítio do Pica-pau Amarelo, Júlio Gouveia procurava realizar os ensaios de modo a não cansá-los ou perturbá-los nas suas atividades escolares, familiares e individuais de um modo geral. Além disso, exigia que a criança tivesse boas notas na escola. A participação na peça era, de certa forma, um prêmio para aqueles que tivessem cumprido com seus deveres escolares.

Inúmeros atores da televisão, teatro e cinema iniciaram suas carreiras nesse reino encantado de Júlio Gouveia. Odete Lara, por exemplo, em 1953, trabalhava na TV Tupi como garota propaganda das Lojas Mappin, quando foi convidada por Júlio a interpretar o papel da Rainha Má, em Branca de Neve e os Sete Anões. (15) (Foto 66)

6

Os programas de Júlio Gouveia, sobretudo Era uma Vez... e Teatro da Juventude, constituíram um significativo laboratório para a televisão. Vivia-se a época pioneira das transmissões ao vivo e reconstituir um mundo mágico de fadas e bruxas, milagres bíblicos ou grandes momentos da História exigia ensaios cuidadosos e notável precisão técnica.

A aventura iniciava-se no momento da adaptação. Tatiana Belinky tinha uma vida muito ocupada e não dispunha de muito tempo para escrever ou adaptar histórias. É ela quem conta:

"Só escrevia na calada da noite. (...) Mas no fim eu já estava tão treinada que já bolava o programa durante o dia. Enquanto fazia outras coisas estava pensando no script daquela noite. Quando chegava de noite, eu já punha direto o estêncil na máquina. Já estava tão pensado durante o dia que eu praticamente levava o tempo material de bater na máquina pra fazer o estêncil e... o script. E já fazia no estêncil direto para não perder tempo. De vez em quando tinha que refazer uma página. De vez em quando, não era muito." (16)

O trabalho e responsabilidade de Júlio Gouveia eram maiores ainda. Pai, médico e industrial, ele tinha que encontrar tempo para ler e estudar o texto que sua esposa escrevera, resolver os vários problemas de produção, discutir cenografia e sonoplastia, ensaiar cuidadosamente os atores, supervisionar todos os preparativos no estúdio. Durante a transmissão, orientava o diretor de TV, auxiliando-o na direção das câmeras e do espetáculo em geral. E além de tudo isso aparecia no início e final de cada peça ou capítulo.

Cada programa, cheio de trucagens para obtenção de efeitos especiais, era um desafio salutar que exigia, para a vitória, o trabalho entrosado de toda a equipe. (Foto 67) Ao escrever os textos onde incluía cenas de difícil realização como, por exemplo, A Passagem do Mar Vermelho, Tatiana Belinky anotava na página em questão: "Quero ver você matar esta, Júlio!" (17) E na verdade, ele, auxiliado pela equipe e pela própria Tatiana, matava todas.



(Foto 62) Júlio Gouveia apresentando um de seus programas na TV Tupi de São Paulo. Foto/Arquivo Júlio Gouveia / Tatiana Belinky



(Foto 63) José Serber e Rafael Neto em O Pequeno Lord (14.5.1957 a 16.1.1958). TV Tupi – São Paulo Foto/Arquivo Júlio Gouveia / Tatiana Belinky

(13) Entrevista de Júlio Gouveia à Revista Lady, nº 11. Não foi possível determinar o nome do artigo, ano de publicação e página.

(14) Depoimento de Tatiana Belinky ao IDART, São Paulo, 29 de dezembro de 1976.

(15) A apresentação de Branca de Neve e os Sete Anões se deu em 14 de junho de 1953, no "Era uma Vez...".

(16) Depoimento de Tatiana Belinky ao IDART, São Paulo, 29 de dezembro de 1976.

(17) Depoimento de Tatiana Belinky ao IDART, São Paulo, 29 de dezembro de 1976.